

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA  
AVA GARDNER, CYD CHARISSE, JUDY GARLAND – FATAL JUSTEZA  
11 e 24 de fevereiro de 2022

## ZIEGFELD GIRL / 1941 (*Sonhos de Estrelas*)

um filme de Robert Z. Leonard

**Realização:** Robert Z. Leonard / **Argumento:** Marguerite Roberts e Sonya Levien, segundo uma história de William Anthony McGuire / **Fotografia:** Ray June (e, não creditado, Joseph Ruttnberg) / **Direção Artística:** Cedric Gibbons / **Figurinos:** Adrian / **Montagem:** Blanche Sewell / **Música:** Herbert Stohart / **Intérpretes:** James Stewart (Gilbert Young), Judy Garland (Susan Gallagher), Hedy Lamarr (Sandra Kolter), Lana Turner (Sheila Regan), Tony Martin (Frank Merton), Jackie Cooper (Jerry Regan), Ian Hunter (Geoffrey Collis), Charles Winninger ("Pop" Gallagher), Edward Everett Horton (Noble Sage), Philip Dorn (Franz Kolter), Paul Kelly (John Slayton), Eve Arden (Patsy Dixon), Dan Dailey (Jimmy Walters), Al Shean (Al), Fay Holden (Mrs Regan), Felix Bressart (Mischa), Rose Hobart (Mrs. Merton), Bernard Nedell (Nick Capalini), Ed McNamara (Mr. Regan), Mae Busch (Jenny), Renie Riano (Annie), Josephine Whitell (Perkins), Sergio Orta (Dançarino), etc.

**Produção:** Pandro S. Berman, para a MGM / **Cópia:** 35mm, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português, 132 minutos / **Estreia Mundial:** New York, em 24 de Abril de 1941 / **Estreia em Portugal:** cinema São Luís, em 25 de Maio de 1943.

---

Este é o segundo dos três filmes em que a MGM explorou o nome do lendário empresário da Broadway, Florenz Ziegfeld. Só que, desta vez, ele está ausente do filme, sendo apenas a figura tutelar dos espetáculos. De qualquer forma, os três filmes ligam-se por um curioso jogo de aproximações. O primeiro, **The Great Ziegfeld**, era um *biopic* no mais puro estilo hollywoodesco, com o empresário interpretado por William Powell. O segundo, **Ziegfeld Girl**, vai buscar algumas das coreografias do primeiro, incluindo o seu número final, *Wedding Cake*, com Judy Garland no topo da estrutura, lugar que no primeiro era ocupado por Virginia Bruce. O terceiro, **Ziegfeld Follies**, retoma Powell como Ziegfeld que apresenta, do "outro mundo", o que seria um perfeito espetáculo de "Follies". Entre os três há ainda outro ponto em comum. Todos aparecem, mais ou menos, como *all stars pictures*, como a MGM começara a fazer no começo da década com títulos como **Dinner at Eight** ou **Grand Hotel**. Vale a pena reparar na ficha artística de **Ziegfeld Girl**, a começar pelos nomes das três candidatas ao título: Judy Garland, Lana Turner e Hedy Lamarr, fresquinhas de sucessos recentes, prontas para a conquista do troféu, tendo a seu lado James Stewart, galã já confirmado. Juntamos-lhe uma magnífica panóplia de secundários, do melhor que Hollywood tinha e que inclui Jackie Cooper (o ex-menino-prodígio, parceiro de Wallace Beery), Ian Hunter, Charles Winninger, Eve Arden, Paul Kelly, etc., as novas apostas do estúdio em começo de carreira, Philip Dorn e Dan Dailey (num dos raros papéis antipáticos da sua carreira) e o inevitável cantor "de charme", Tony Martin, e vê-se que a MGM não se poupou a esforços e talentos para levar a bom porto a sua empresa. O único problema é que a nau foi conduzida por Robert Z. Leonard já responsável pelo longo (e algo indigesto) *biopic* **The Great Ziegfeld**.

**Ziegfeld Girl** explora o tema das jovens candidatas, a um nome no mundo do espetáculo, os "sonhos de estrelas" do título português, que outros filmes contemporâneos também abordavam, como **Stage Door/A Porta das Estrelas**, de Gregory La Cava. No caso do filme de Leonard são três as candidatas, mas só uma ocupará o topo, e será aquela que, desde o começo, mostra que a sua paixão é única e exclusivamente, o palco. As três figuras estão bem desenhadas de forma a corresponderem os mais conhecidos estereótipos do gênero. Judy Garland é a jovem que, praticamente, nasceu no palco, e tem um número de vaudeville com o pai, será ela quem triunfará, e a quem cabem os números mais espetaculares, com destaque para *Minnie From Trinidad*; Lana Turner é a sonhadora empregada (trabalha no elevador de um grande armazém) que sonha com a glória e a riqueza que lhe poderia trazer ser escolhida para as "Follies", sendo, para isso, capaz de sacrificar o amor de James Stewart; finalmente, Hedy Lamarr é uma emigrada (sotaque "oblige"), mulher apaixonada para quem o marido está à frente de tudo. É elementar que, na lógica do espetáculo e da moral de Hollywood, só uma poderá triunfar, sendo o destino das outras conforme a sua ambição: Sheila (Lana Turner) cairá real e metaforicamente, no primeiro caso do alto do cenário, num acidente provocado pela embriaguez, e que a lança para o desemprego, e no segundo na decadência que se segue com o alcoolismo agravado, acabando em *speakeasies* de má fama (onde encontra, também arruinado, um dos seus pretendentes dos dias de glória, o pugilista Jimmy Walters (Dan Dailey, que então ainda usava o Jr no final do nome); quanto a Sandra (Hedy Lamarr, incomparavelmente bela), voltará para os braços do marido após a reconciliação, abandonando sem remorsos a carreira no palco. De todos, o destino mais pungente é, naturalmente, o de Sheila, a quem cabe uma das grandes cenas do filme (aliás, pode dizer-se que as três vedetas, repartem o filme de acordo com os seus talentos: Lana leva a parte de leão das cenas dramáticas, de onde se sai bastante bem, Judy fica-se pela música, com pouco mais que fazer; Hedy limita-se a estar, sorrir e olhar-nos com aqueles olhos que afundariam os dez mil navios gregos de outra Tróia qualquer): o desfalecimento na escadaria do teatro ao som de *You Stepped Out of a Dream* (talvez a mais bela cena dramática do filme), pouco antes da sua morte. Mas neste caso o filme sofreu um corte. Em várias *reviews* a cena no camarim do teatro onde Sandra e o marido vão encontrar Sheila prostrada, terminava com a morte da personagem. Mas os espectadores protestaram, pelo que um corte na frase dele evocando o que poderá ser a sua vida com Gil, e a passagem para a cena final, a apoteose do *Wedding Cake*, deixa pairar uma certa ambiguidade. Acrescente-se ainda que a personagem de Sheila Regan inspira-se em episódios de algumas vedetas das *Ziegfeld Follies*: a queda do alto do cenário por embriaguez, inspira-se num incidente semelhante (e pelas mesmas causas) acontecido a Lillian Lorraine que caiu no fosso da orquestra. Quanto ao percurso de decadência e o alcoolismo, há muitas semelhanças com o destino de Lillian Morgan, a criadora das *torch songs* e que conhecemos pela sua presença em filmes como **Applause**, de Rouben Mamoulian e **Showboat/Magnólia**, de James Whale.

E, *last but not the least*, a peça mais sugestiva num musical: a coreografia de Busby Berkeley, agora ao serviço da MGM.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico